

QUAL(IS) LÍNGUA(S) VOCÊ FALA? INVESTIGANDO CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS ENTRE OS PALIKUR-ARUKWAYENE

*WHICH LANGUAGE(S) DO YOU SPEAK? INVESTIGATING LANGUAGE BELIEFS AND ATTITUDES AMONG THE
PALIKUR-ARUKWAYENE PEOPLE*

Elissandra Barros¹

Lenise Felício Batista²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as crenças e atitudes linguísticas da comunidade Palikur-Arukwayene em relação às línguas presentes em seu contexto— parikwaki, português, kheul e francês —, considerando dinâmicas de poder, influências linguísticas e processos de estigmatização ou valorização linguística (Frosi, 2010; Faggion, 2010). O estudo está inserido no campo teórico da Sociolinguística e trata-se de uma pesquisa transversal, de abordagem mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos. A investigação foi conduzida na Aldeia Kumenê, Terra Indígena Uaçá, Oiapoque, e visou compreender como os participantes avaliam e conferem valor às modalidades orais e escritas das línguas parikwaki, português, kheul e francês, considerando contextos de uso e funções comunicativas. A análise das atitudes linguísticas dos sujeitos nos permitiu mapear relações de prestígio e desprestígio linguístico na comunidade, enquanto a compreensão do valor atribuído às modalidades orais e escritas nos possibilitou investigar padrões de uso em diferentes situações comunicativas. A pesquisa foi realizada através de questionários, aplicados a alunos, professores e membros da comunidade do Kumenê. Os resultados revelaram a influência do contexto social e educacional na (des)valorização das línguas sob análise, ressaltando a importância de políticas linguísticas que promovam a preservação e o desenvolvimento das línguas locais em ambientes educacionais e sociais diversos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Palikur-Arukwayene. Parikwaki. Português. Kheul. Francês.

ABSTRACT

This article aims to analyze the linguistic beliefs and attitudes of the Palikur-Arukwayene community in relation to the languages - Parikwaki, Portuguese, Kheul and French - present in their context, considering power dynamics, linguistic influences and processes of linguistic stigmatization or valorization (Frosi, 2010; Faggion, 2010). The study is part of the theoretical field of Sociolinguistics and is a cross-sectional study with a mixed approach, combining qualitative and quantitative elements. The investigation was conducted in the Kumenê Village, Uaçá Indigenous Land, Oiapoque, and aimed to understand how the participants evaluate and value the oral and written modalities of the Parikwaki, Portuguese, Kheul and French languages, considering contexts of use and communicative functions. The analysis of the subjects' linguistic attitudes allowed us to map relations of linguistic prestige and disprestige in the community, while understanding the value attributed to oral and written modalities allowed us to investigate patterns of use in different communicative situations. The research was carried out using questionnaires applied to students, teachers and members of the Kumenê community. The results revealed the influence of the social and educational context on the (de)valorization of the languages under analysis, highlighting the importance of language policies that promote the preservation and development of local languages in diverse educational and social environments.

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), elisbarros@unifap.br, <https://orcid.org/0000-0002-4454-0952>.

² Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), lenisepalikur@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0008-4933-2758>.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

KEYWORDS: Sociolinguistics. Palikur-Arukwayene. Parikwaki. Portuguese. Kheuol. French.

Introdução

No extremo norte do Brasil, está situado o município do Oiapoque, no estado do Amapá. O município possui a singularidade de ser a única fronteira do Brasil com a União Europeia, ali representada pela Guiana Francesa, território ultramarino da França. Outra particularidade é o fato de Oiapoque ter 29,43% de sua população autodeclarada indígena, o que corresponde a 8.088 pessoas dos 27,482 habitantes do município, segundo dados do IBGE (2022). Essa população indígena está distribuída entre as 67 aldeias das terras indígenas Galibi, Juminã e Uaçá, onde vivem os povos Galibi-Kalin'ã, Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur-Arukwayene, conhecidos como povos indígenas do Oiapoque.

A pluralidade étnica se reflete na diversidade linguística. Entre os Galibi Kalin'a, é o kali'na (Karib) a língua de identidade étnica, falada por aproximadamente 15 pessoas (Jeanjacque *et al*, 2023, p. 7). No caso dos Karipuna e Galibi-Marworno, uma particularidade marcante é que são os únicos grupos indígenas no Brasil que falam uma língua crioula, denominada kheuol. Por questões políticas e identitárias, essa língua crioula é subdividida em kheuol karipuna e kheuol galibi-marworno. Há intercompreensão na comunicação entre os falantes de ambos os grupos, as distinções entre essas subdivisões se manifestam, primordialmente, em variações fonéticas e lexicais. Entre os Palikur-Arukwayene, o parikwaki (Arawak) é a língua materna de 93,66% do povo (Silva, 2016, p. 105). Além das línguas mencionadas, o português desempenha um papel significativo na comunicação das aldeias do Oiapoque, sendo amplamente difundido entre os indígenas. O francês é outra língua de contato, e há entre os indígenas da região aqueles que possuem níveis variados de fluência em francês, que é aprendido em decorrência das relações de comércio, parentesco e afinidade que foram fomentadas devido à proximidade geográfica e à notável presença na Guiana Francesa de grupos étnicos como os Palikur-Arukwayene e os Galibi-Kalin'a, entre outros. No caso destes últimos, é na Guiana Francesa que a maior parte do povo Kalin'a está situada.

Apesar de ser possível quantificar a população indígena residente no Oiapoque e identificar as línguas que eles utilizam, prevalece o desconhecimento no que diz respeito ao número de indivíduos que as falam, onde estão localizados e qual é o nível de proficiência alcançado em cada uma dessas línguas. Um estudo sociolinguístico pioneiro nesse sentido foi realizado nas aldeias Palikur-Arukwayene por Silva (2016), cujos resultados apontaram que o multilinguismo prevalece entre os Arukwayene. Segundo a autora,

quando os Arukwayene são monolíngues, a língua é o Parikwaki (23%); se falam duas línguas, a segunda será o Português (Parikwaki-Português 26%), que já prevalece como L2, posição antes ocupada pelo Kheuól. No entanto, o maior percentual é relativo aos falantes multilíngues em Parikwaki, Português e Kheuól (37%) (Silva, 2016, p. 112).

David Crystal (2003) define o multilinguismo como a capacidade de um indivíduo ou de uma sociedade de usar múltiplas línguas de forma eficaz em diferentes contextos e para diversos propósitos, sendo que o multilinguismo pode envolver a utilização de três, quatro ou mais línguas e não requer proficiência igual em todas elas. Neste sentido, o estudo de Silva (2016) também é esclarecedor, pois analisa os diferentes níveis de proficiência dos Palikur-Arukwayene nas línguas parikwaki, português e kheuol, apontando, inclusive, que “o contexto multilíngue dos Arukwayene não se reflete nas escolas das aldeias” (p. 112), ambiente em que “não há espaço para as línguas indígenas e o ‘ensino bilíngue’ resume-se à tradução de conteúdos para o Parikwaki, quando o professor é indígena” (p. 113). A escola palikur ainda está em processo de se tornar um espaço efetivo para o ensino e a aprendizagem da língua parikwaki. A comunidade palikur, em grande parte, acredita que o português deve ser a língua predominante no ambiente escolar. Isso é ilustrado pelo professor palikur Euvécio Labontê dos Santos, que explica:

O ensino da língua parikwaki na escola não foi amplamente aceito por todo o povo Palikur, uma vez que algumas comunidades, que ainda não estavam familiarizadas com o ensino da língua, questionaram a necessidade de estudá-la. Argumentaram que todos na comunidade já sabiam falar parikwaki, questionando por que seria necessário estudar mais a língua. Em vez disso, sugeriram que os palikur deveriam se concentrar no estudo da língua portuguesa, que muitos não conheciam, acreditando que se os alunos investissem mais tempo no aprendizado de parikwaki, teriam dificuldades para se comunicar em português quando fossem para a cidade (Santos, 2023, p. 29)

Para uma compreensão mais profunda de como as línguas parikwaki, português, kheuol e francês coexistem e interagem na comunidade palikur este estudo se insere no campo da Sociolinguística, uma das subáreas da Linguística que “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (Braga; Mollica, 2003, p. 9). A perspectiva sociolinguística permite analisar não somente a relação entre os indivíduos e suas línguas, mas também as relações entre os grupos, evidenciando fenômenos tanto individuais quanto sociais decorrentes do contato linguístico, uma vez que “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo” (Labov, 2008, p. 21) e que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (Calvet, 2002, p. 12).

Os estudos de Fishman sobre diglossia são particularmente úteis para entender as dinâmicas sociolinguísticas em comunidades bilíngues ou multilíngues, como a dos Palikur-Arukwayene. Em sua obra “*Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism*” (1967), o autor argumenta que a diglossia envolve a atribuição de diferentes funções sociais a cada língua ou variedade. A língua “alta” é geralmente associada ao prestígio, à formalidade e à educação. É usada em contextos oficiais, literários e religiosos. Já a língua “baixa” é associada ao cotidiano, à familiaridade e à informalidade, sendo usada em conversas familiares e entre amigos. Entre os Palikur-Arukwayene podemos observar uma dinâmica semelhante à diglossia descrita por Fishman, em que o parikwaki,

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

como a língua étnica, é usado em contextos informais e familiares, enquanto o português, a língua dominante nacional, é utilizado em contextos formais e educacionais.

O conceito de prestígio linguístico refere-se ao valor social atribuído a uma língua ou a uma variedade linguística dentro de uma determinada comunidade. Esse valor pode estar relacionado a fatores como poder, status social, educação e influência cultural. Línguas ou variedades com alto prestígio são geralmente associadas a qualidades positivas e são vistas como corretas, bonitas ou úteis, enquanto aquelas com baixo prestígio podem ser vistas como incorretas, feias ou menos úteis. Ao analisar como o prestígio atribuído a certas variedades do português contribui para a discriminação linguística e a exclusão social, Bagno (1999) argumenta que o prestígio linguístico não é inerente às línguas ou variedades, mas é construído socialmente. Ele demonstra como o português padrão, falado pelas elites urbanas e educadas, é frequentemente considerado superior, enquanto as variedades regionais e populares são estigmatizadas. Esse processo de valorização e desvalorização é influenciado por fatores históricos, sociais e políticos.

Essa dinâmica pode ser observada também em contextos bilíngues ou multilíngues, onde uma língua dominante pode ser vista como mais prestigiosa em comparação às línguas minorizadas. Na comunidade Palikur-Arukwayene, por exemplo, o português é percebido como tendo maior prestígio devido à sua associação com a educação formal e o progresso socioeconômico, enquanto o parikwaki é valorizado principalmente em contextos culturais e identitários.

Este estudo foi elaborado no âmbito do Projeto de Pesquisa “*Qual(is) língua(s) você fala? Rumo a identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque*”³. Dado o contexto linguístico dos Palikur-Arukwayene, a pesquisa procurou abordar as línguas parikwaki, português, kheuol e francês, a fim de compreender como os falantes avaliam e atribuem valor às modalidades orais e escritas das línguas em estudo, considerando seus espaços de uso e funções comunicativas. O estudo foi realizado no Kumenê, a aldeia principal do povo Palikur-Arukwayene, onde também está localizada a Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá (EIEMI), que atende os estudantes do Kumenê e de outras aldeias palikur da região do rio Urukawa, às margens do qual, tradicionalmente, foram instaladas as aldeias Palikur.

1. Prolegômenos

A língua é um importante elemento para a constituição da identidade de um grupo social. É através da língua que o “eu” e o “outro” se constituem e se distinguem, considerando-se os elementos que os diferenciam, ou seja, identidade e diferença partilham uma importante característica, “elas são o resultado de atos de criação linguística” (Silva, 2000, p. 76). Assim como a identidade, a língua tem um valor que é atribuído socialmente, intrinsecamente relacionado ao valor atribuído ao falante,

³ Este projeto foi contemplado com recursos do Instituto do Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) através do Edital de Chamamento PNPI 05/2023. O objetivo principal do Projeto é a instrução de processos de reconhecimento das línguas indígenas do Oiapoque como Referência Cultural Brasileira, contribuindo para a valorização e preservação da diversidade linguística do Brasil.

seja um grupo ou indivíduo. Também as variedades de uma mesma língua recebem valores que são sociais:

A língua é um elemento forte para a identificação do sujeito, mas, acima de tudo, também, atua como ferramenta de marcação das diferenças sociais. Podemos ver nela um importante instrumento de unificação, tanto quanto a reconhecemos como objeto de separação social. Por isso, por meio da língua, conseguimos identificar o sujeito, bem como observar os julgamentos de que são alvos (Martins; Oliveira 2020, p. 126).

Martins e Oliveira (2020, p. 124) ressaltam que “a identidade linguística pode ser vista como um portal pelo qual podemos chegar a um determinado território, cultura e ideologia”. Estudos sociolinguísticos que exploram as atitudes linguísticas e os preconceitos linguísticos (Labov, 1966; Lambert, 1967; Bagno, 1999) revelam atributos, frequentemente estereotipados, dados aos membros dos diversos grupos sociais. Tais atributos estão geralmente relacionados à identidade étnica, um conceito que está intimamente ligado à língua e à cultura de um povo. No entanto, é importante esclarecer que indivíduos dentro de um mesmo grupo étnico também variam seu comportamento linguístico de acordo com pressões sociais. Além do fator étnico, existem outras variáveis que influenciam o comportamento linguístico dos falantes, como classe social, gênero, idade e contexto situacional. Devido à natureza deste estudo, focamos especificamente no fator étnico para analisar as atitudes linguísticas e os estereótipos associados. Esse recorte é necessário para entender como a identidade étnica e a língua estão entrelaçadas na construção das práticas e atitudes linguísticas dentro da comunidade estudada.

No contexto dos Palikur-Arukwayene, a língua parikwaki desempenha um papel significativo como elemento de identidade étnica, distanciando-os de outros povos indígenas e, frequentemente, assegurando a coesão do seu povo. Sendo o parikwaki a língua de identidade étnica dos Arukwayene, pode-se observar entre o povo que línguas diferentes – parikwaki, kheuol, português e francês – possuem distintos *status* na comunidade.

De acordo com Bagno (2017, p. 447), o conceito de *status* social foi proposto pelo sociólogo Max Weber para “descrever aspectos não econômicos, porém culturais da estratificação social”. Descrever a estratificação dos grupos ou indivíduos a partir de uma análise multidimensional é importante porque permite uma análise mais abrangente das dinâmicas linguísticas em uma sociedade. Isso inclui investigar como diferentes variáveis interagem para moldar o uso linguístico, as atitudes linguísticas e os padrões de prestígio dentro de um contexto cultural e social específico. Assim, para além de sua dimensão econômica, o termo *status* pode abranger aspectos linguísticos, políticos, culturais, intelectuais, religiosos, dentre outros. Um exemplo disso no Brasil é a situação das línguas, em que o português, como língua nacional, goza de maior *status*/prestígio, o que resulta no desprestígio atribuído às línguas minoritárias e/ou minorizadas.

Se *status* pode ter uma conotação positiva ou negativa, o estigma é definido como “qualquer tipo de característica que parte da sociedade considera negativamente quando se apresenta em outros

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

grupos sociais” (Bagno, 2017, p. 121). O significado que importa a este estudo está de acordo com Goffman (2019, p. 13), que define estigma como um “atributo profundamente depreciativo”, de modo que o indivíduo estigmatizado é vítima de discriminações e preconceitos. Trazer um estigma linguístico é carregar um sinal que identifica o falante de forma negativa e, por esse motivo, muitas vezes ele procura escondê-lo. Assim, como não é possível sumir com uma cicatriz, não é possível apagar o estigma linguístico.

O termo “preconceito linguístico” (Bagno, 2017), por sua vez, faz referência a uma atitude negativa em relação a um determinado grupo linguístico sem motivo aparente. Geralmente visa grupos linguísticos com pouco ou nenhum prestígio social, minorias linguísticas, como os indígenas. Embora ambos os termos possam transmitir avaliações negativas, há uma diferença no nível de avaliação. No caso do preconceito, as atitudes negativas em relação aos fatores de avaliação são menores do que o estigma. Claramente, portanto, o estigma está repleto de repulsa, o que é ausente no preconceito.

O *status* e o prestígio atribuído às línguas estão frequentemente relacionados à posição social e política dos grupos em determinado contexto de contato linguístico. Essa dinâmica pode afetar a distribuição e o uso das línguas na sociedade, influenciando as atitudes e a identificação das pessoas em relação a essas línguas e seus falantes.

Os falantes da língua majoritária, dominante, costumam ter atitudes negativas às línguas minoritárias, expressando preconceitos, julgamentos e estereótipos. Essas atitudes negativas são, muitas vezes, aceitas também pelo grupo minoritário. No entanto, Dal Corno (2010, p. 78) aponta que “os falantes da língua minoritária são geralmente o grupo mais afetado pelas atitudes dos diferentes grupos sociais – na maioria dos casos, atitudes negativas – com relação a língua adotada”. Tais atitudes negativas impactam a percepção e o tratamento dispensado à língua adotada pelo grupo minoritário. Essa dinâmica pode influenciar o *status*, a preservação e a vitalidade das línguas em um contexto de contato linguístico.

A diferença entre língua minoritária e língua minorizada é fundamental para entendermos as dinâmicas de poder e prestígio linguístico em uma sociedade. Língua minoritária refere-se a uma língua falada por uma minoria étnica, cultural ou linguística dentro de um contexto específico. Esta minoria pode ser numericamente pequena em relação à população majoritária ou dominante de uma região ou país. O termo “minoritária” não implica necessariamente um status de prestígio inferior; pode simplesmente indicar uma presença demográfica reduzida em comparação com outras línguas dentro do mesmo contexto sociocultural. Língua minorizada, por sua vez, refere-se a uma língua que, apesar de ser falada por uma parte significativa da população, é tratada como inferior ou subordinada em relação a outra(s) língua(s) dentro de um determinado contexto sociopolítico.

A minorização pode ocorrer devido a políticas linguísticas discriminatórias, falta de suporte institucional, discriminação social ou perda de prestígio em face de uma língua dominante. Isso resulta frequentemente em uma diminuição do uso e da transmissão da língua minorizada entre as gerações mais jovens. No contexto das línguas indígenas do Brasil, por exemplo, muitas línguas podem ser

tanto minoritárias quanto minorizadas. Elas são faladas por pequenas populações em comparação com o português, e enfrentam desafios de minorização devido a políticas que favorecem o português como a língua de ensino e administração.

Tanto Botassini (2015) quanto Myers (2014) destacam que as crenças influenciam não apenas como as pessoas agem, mas também como elas percebem seu ambiente. Quando as pessoas acreditam que algo é verdade, elas veem informações que confirmam essa crença. Assim, ao lado dos estudos de crenças relacionadas à língua, o conceito de atitudes linguísticas também tem sido amplamente discutido, sendo frequentemente tratado como um fenômeno interligado. Segundo Gardner (1985) e Baker (1992), o conceito de atitude linguística refere-se ao juízo de valor feito às línguas, refletindo as crenças e percepções dos falantes sobre distintas variedades linguísticas. Martins e Oliveira esclarecem essa interligação ao afirmar que:

Nossas atitudes são reflexos de nossas crenças, de modo que, se acreditássemos em um ideal de igualdade, em que todos fossem tratados da mesma maneira, prontamente, acreditaríamos que todas as variedades deveriam ser vistas com equidade (Martins; Oliveira, 2020, p. 129).

No contexto dos estudos sociolinguísticos, os termos “atitude linguística” e “atitude” podem ser intercambiáveis, pois ambos se referem aos julgamentos e valores atribuídos às línguas e suas variedades. Neste estudo nos interessa compreender as atitudes linguísticas, definidas aqui como “uma postura ou comportamento positivo ou negativo face a uma língua ou uma variedade linguística particular” (FROSI, 2010, p. 53), constituindo-se em “reações subjetivas a uma forma de linguagem ou juízos de valor sobre uma dada variedade linguística” (Faggion, 2010, p. 69). Para Bagno (2017, p. 21) “as atitudes linguísticas são opiniões, concepções ou mesmo manifestações concretas que as pessoas têm acerca de sua própria língua, da (s) língua (s) de outros grupos sociais e, sobretudo, da variação linguística”. Entre os Palikur-Arukwayene, por exemplo, falar e escrever bem o português é visto como oportunidades de melhorar de vida e poder acessar espaços em que a língua parikwaki não transita, como os serviços públicos que envolvem direitos, saúde e educação, o que leva a uma atitude positiva do povo em relação ao aprendizado desta língua.

A relação entre o falante e a sua língua nunca é neutra. Segundo Calvet (2002, p. 64), na sociedade existe o que podemos “chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, normas que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados”, havendo sempre um conjunto de atitudes dos falantes em relação à sua língua e à do outro. Logo, a atitude linguística – tal como definida aqui – de um indivíduo ou grupo social é resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendência a se comportar de uma forma determinada diante de uma língua ou situação de interação social por meio da língua.

Segundo Botassini (2015, p. 123) “lealdade e deslealdade linguística são, obviamente, termos que se opõem, mas que têm sua origem em um ponto comum: na atitude do falante frente a seu grupo linguístico”. De acordo com a autora, essas atitudes podem ser positivas ou negativas: sendo

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

positiva, apresenta-se a situação de lealdade linguística; sendo negativa, tem-se o caso de deslealdade linguística. O conceito de lealdade linguística está, assim, intrinsecamente ligado ao sentimento de orgulho associado a ser membro de um grupo específico.

No entanto, é indispensável adotar uma perspectiva crítica ao discutir esses termos, especialmente no contexto dos povos originários. A dicotomia entre lealdade e deslealdade linguística pode ocultar a intrincada dinâmica de poder imposta a esses povos. Como apontado por Fishman (1991) e Calvet (2002), as atitudes linguísticas não se desenvolvem em um vácuo, mas são moldadas por pressões sociais, políticas e históricas. Para os povos originários, principalmente no Brasil, a imposição de uma língua dominante envolve processos de colonização, coerção e marginalização, que influenciam profundamente as atitudes linguísticas dos falantes. Portanto, ao discutir lealdade e deslealdade linguística, é necessário considerar o contexto sociopolítico que condiciona essas atitudes. A lealdade linguística, por exemplo, pode ser uma forma de resistência cultural contra a hegemonia linguística, enquanto a deslealdade linguística pode refletir a internalização de estigmas e pressões assimilacionistas.

Outro componente que constitui a atitude linguística é o discurso público sobre a língua. De acordo com Oliveira e Rikbaktatsa (2017, p. 49) “o discurso público sobre a língua diz respeito ao falar que retoma outros falares do mundo, ou seja, falamos outros discursos que já foram ditos em outro momento”. Entre os Palikur-Arukwayene, existe o discurso de que o parikwaki é uma língua forte e que nunca será perdida, o que leva a uma subestimação dos desafios que a língua enfrenta em termos de vitalidade e transmissão intergeracional. Por acreditarem no discurso da língua forte, os Arukwayene não reconhecem o parikwaki como uma língua ameaçada e que perde espaço para o português. Compreender o papel do discurso público na formação das atitudes linguísticas é essencial para promover uma reflexão crítica sobre as crenças e representações sobre a língua deste povo.

2. Princípios metodológicos

A pesquisa buscou descrever as crenças e atitudes linguísticas dos Palikur-Arukwayene em relação às línguas parikwaki, português, kheuól e francês e explicar os padrões e motivações por trás dessas crenças e atitudes, explorando os fatores socioculturais que influenciam a relação dos participantes com as diferentes línguas. A metodologia adotada está baseada na sociolinguística, principalmente na sociologia da linguagem de Joshua Fishman, que investiga a interação entre linguagem e sociedade, destacando como fatores sociais, culturais e políticos moldam o uso e o prestígio das línguas. Por sua característica pontual, trata-se de uma pesquisa transversal, que é identificada pela coleta de dados em um único momento, permitindo uma análise precisa de uma determinada população ou fenômeno.

Embora a abordagem de pesquisa tenha sido mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos, neste artigo analisaremos unicamente os dados obtidos com a pesquisa quantitativa, que envolveu a coleta por meio de um questionário. Para Oliveira e Rikbaktatsa (2017 p. 49) a

escolha de um questionário guia como instrumento de pesquisa possibilita comparar um conjunto de respostas e analisar, sobretudo, as atitudes linguísticas dos sujeitos. As perguntas do questionário foram distribuídas de acordo com a categoria dos participantes, que representam grupos específicos dentro da comunidade:

Categoria 1: professores indígenas da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá;

Categoria 2: alunos indígenas da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá;

Categoria 3: membros da comunidade da Aldeia Kumenê.

A Categoria 1 engloba os professores (P) da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá. Com essa categoria visamos capturar a perspectiva dos profissionais que estão diretamente envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de línguas na comunidade. Ao investigar as crenças e atitudes dos docentes em relação às línguas em questão é possível compreender melhor suas perspectivas, práticas pedagógicas e desafios enfrentados no ensino de língua.

A Categoria 2 envolve os alunos (A) da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá. Essa categoria foi selecionada por representar a geração mais jovem da comunidade, que está atualmente no processo de aprendizado. Ao investigar as crenças e atitudes dos alunos é possível identificar sua percepção sobre a importância das diferentes línguas em suas vidas e as motivações que influenciam suas escolhas linguísticas.

A Categoria 3 abrange os membros da comunidade (C) da Aldeia Kumenê. Essa categoria foi escolhida por capturar as perspectivas e experiências de indivíduos que não estão diretamente envolvidos na escola, mas que exercem papéis importantes na vida cotidiana da comunidade. Isso inclui líderes comunitários, pais e outros membros que desempenham um papel ativo na preservação e transmissão das línguas e saberes tradicionais. Ao explorar as crenças e atitudes desses membros da comunidade é possível identificar a importância das línguas sob análise em contextos não formais. Para organizar os objetivos da pesquisa e facilitar a compreensão das perguntas, o questionário foi dividido em 8 eixos. Neste estudo, contudo, focamos a discussão nos três eixos iniciais, descritos na tabela 1.

As perguntas formuladas dentro dos eixos da pesquisa explicitam o multilinguismo dos falantes da comunidade Palikur-Arukwayene ao abordar diferentes dimensões da sua competência e comportamento linguístico. O Eixo 1, que investiga as atitudes dos sujeitos diante das línguas, revela como os participantes valorizam ou desvalorizam as línguas parikwaki, português, kheuól e francês, indicando as percepções de prestígio e utilidade associadas a cada língua. Isso esclarece a dinâmica de poder e prestígio linguístico, destacando como essas atitudes influenciam o uso e a transmissão das línguas. O Eixo 2, que analisa o valor atribuído às modalidades oral e escrita das línguas, mostra as preferências dos falantes em diferentes contextos, revelando como o multilinguismo se manifesta tanto na comunicação cotidiana quanto na educação formal. O Eixo 3 complementa essa análise ao focar na transmissão e nos usos das línguas e nas habilidades dos sujeitos em fala, compreensão, escrita e

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

leitura. O Eixo 3 explora a transmissão intergeracional e o uso das línguas em contextos domésticos e sociais, fornecendo uma visão sobre a sustentabilidade do multilinguismo na comunidade.

Tabela 1: Eixos abordados na pesquisa

Eixos / Etapas	Objetivos	Categorias
Identificação dos participantes	Caracterizar os sujeitos envolvidos na pesquisa.	(P) (A) (C)
Eixo 1: Atitude dos sujeitos diante das línguas	Identificar se há compreensão, valorização ou desvalorização de alguma das línguas abordadas.	(P) (A) (C)
Eixo 2: Valor atribuído às modalidades orais e escritas das línguas	Verificar o valor que os sujeitos atribuem às modalidades oral e escrita das línguas em estudo.	(P) (A) (C)
Eixo 3: Transmissão e usos da língua	Identificar aspectos como a transmissão intergeracional, o uso doméstico e a presença das línguas em diferentes contextos sociais.	(P) (A) (C)
Eixo 4: Habilidades dos sujeitos na fala, compreensão, escrita e leitura das línguas	Avaliar a proficiência e domínio das línguas pelos participantes.	(P) (A) (C)

Fonte: Elaboração das autoras

Os questionários foram aplicados a um total de 45 pessoas, das quais 11 (24,4%) são professores, 17 (37,8%) são alunos e 17 (37,8%) membros da comunidade da Aldeia Kumenê.

2.1. Categoria 1: Professores indígenas da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá

A categoria dos professores indígenas, representada pelos participantes P1 a P11, apresenta características distintas, descritas na tabela 2. Esta categoria é constituída por um grupo de 11 professores indígenas, sendo 6 mulheres e 5 homens.

Tabela 2: Descrição dos participantes da categoria professor

Sigla	Idade (anos)	Sexo	Formação	Curso	Tempo de Docência (anos)	Ano de Atuação
P1	42	F	Graduando	CLII	28	1° ao 5° ano
P2	37	F	Ensino Médio	Magistério	14	1° ao 5° ano
P3	38	F	Ensino Médio	Magistério	8	1° ao 5° ano
P4	51	F	Ensino Médio	Magistério	36	1° ao 5° ano
P5	42	F	Ensino Médio	Magistério	32	1° ao 5° ano
P6	44	F	Graduando	CLII	6	1° ao 5° ano
P7	34	M	Graduando	CLII	8	1° ao 5° ano
P8	37	M	Graduando	CLII	7	1° ao 5° ano
P9	49	M	Graduando	CLII	6	1° ao 5° ano
P10	32	M	Graduando	CLII	11	1° ao 5° ano
P11	46	M	Graduado	CLII	17	1° ao 5° ano

Fonte: Elaboração das autoras

Quanto ao tempo de docência, os professores indígenas têm uma experiência variada. Os participantes P4, P5 e P1, todos do sexo feminino, possuem a maior experiência, com 36, 32 e 28 anos de docência, respectivamente. Nos dados apresentados na tabela 3, podemos observar que, embora as professoras (P1-P6) constituam o grupo com o maior tempo de atuação docente, também se caracterizam pela menor formação, pois entre o grupo dos 5 professores (P7-P11), 4 são graduandos no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLII) e 1 já concluiu o referido curso. No grupo de 7 professoras, apenas 2 (P1 e P6) estão na graduação do CLII. Importante destacar que todos os integrantes da categoria Professor atuam nas séries iniciais da Educação Básica, do 1º ao 5º ano.

2.2. Categoria 2: Alunos Palikur-Arukwayene

A categoria dos alunos palikur-arukwayene é representada pelos participantes A1 a A17, na Tabela 3, dos 17 alunos, 11 são do sexo masculino e 6 são do sexo feminino, indicando uma proporção maior de estudantes do sexo masculino nessa amostra.

Tabela 3: Descrição dos participantes da categoria alunos

Sigla	Idade (anos)	Sexo	Ano/série	Ocupação
A1	23	F	Ensino Médio	Agricultora
A2	18	M	7º ano	Agricultor
A3	22	F	Ensino Médio	Agricultora
A4	23	F	8º ano	Agricultora
A5	24	M	Ensino Médio	Agricultor
A6	19	M	7º ano	Agricultor
A7	21	F	8º ano	Agricultora
A8	21	F	7º ano	Agricultora
A9	19	M	Ensino Médio	Agricultor
A10	17	F	8º ano	Agricultora
A11	18	M	8º ano	Agricultor
A12	16	M	7º ano	Agricultor
A13	15	M	7º ano	Agricultor
A14	15	M	7º ano	Agricultor
A15	16	M	8º ano	Agricultor
A16	20	M	8º ano	Agricultor
A17	18	M	7º ano	Agricultor

Fonte: Elaboração das autoras

Quanto à ocupação dos alunos, constata-se que todos estão envolvidos em atividades agrícolas, o que, no contexto dos Palikur-Arukwayene, significa, especialmente, a produção de farinha de mandioca, base da alimentação do povo, cujo excedente da produção é comercializado na cidade de Oiapoque.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

Os alunos arukwayene apresentam idades diversas, variando de 15 a 24 anos, o que indica uma faixa etária ampla no ambiente escolar. A maioria dos estudantes está matriculada no 7º e 8º ano, que correspondem aos últimos anos do Ensino Fundamental. Ao relacionar as idades dos alunos com os anos em que estão matriculados constata-se uma elevada distorção idade-série entre os estudantes arukwayene. Essa distorção é um indicativo de problemas relacionados à progressão escolar, decorrente de fatores como a carência de professores e a falta de estrutura da Escola Indígena Estadual Moisés Iaparrá, o que compromete a regularidade da oferta de disciplinas e o aprendizado dos alunos arukwayene.

2.3. Categoria 3: Membros da Comunidade da Aldeia Kumenê

A categoria Comunidade é constituída por 17 participantes. Em relação ao sexo, há uma proporção equilibrada entre homens (9) e mulheres (8) na amostra da tabela 4. A faixa etária dos participantes varia de 24 a 64 anos, o que permite uma representação diversificada de diferentes gerações na comunidade.

Tabela 4: Descrição dos participantes da categoria membros da comunidade

Sigla	Idade (anos)	Sexo	Ocupação	Escolaridade
C1	44	M	Agricultor	Ensino Fundamental
C2	24	F	Agricultora	Ensino Médio
C3	28	M	Agricultor	Ensino Médio Incompleto
C4	55	M	Servente Escolar	Ensino Médio
C5	38	M	Piloto do Pólo Kumenê	Ensino Fundamental
C6	57	F	Parteira	Ensino Fundamental
C7	44	F	Agricultora	Ensino Fundamental
C8	32	M	Agricultor	Ensino Médio Incompleto
C9	46	F	Agricultora	Ensino Fundamental
C10	54	M	Agricultor	Ensino Médio Incompleto
C11	49	M	Agricultor	Graduação Incompleta
C12	41	F	Agricultora	Ensino Fundamental
C13	26	F	Agricultora	Ensino Médio
C14	45	F	Agricultora	Ensino Fundamental
C15	30	M	Técnico de Enfermagem	Ensino Médio
C16	64	M	Pastor/Aposentado	Ensino Fundamental
C17	57	F	Parteira/Aposentada	Ensino Fundamental

Fonte: Elaboração das autoras

A maioria dos participantes desta categoria está envolvida na agricultura, mas há membros da comunidade que **exercem** ocupações como servente escolar, piloto do Polo de Saúde da Aldeia Kumenê, parteira, técnico de enfermagem e pastor. Em relação à escolaridade, a maioria dos participantes possui formação no Ensino Fundamental, enquanto alguns concluíram o Ensino Médio

e outros têm níveis educacionais incompletos. A presença de participantes com níveis educacionais diferentes pode indicar distintos níveis de acesso à educação formal e possíveis impactos na forma como os conhecimentos e valores são transmitidos dentro da comunidade.

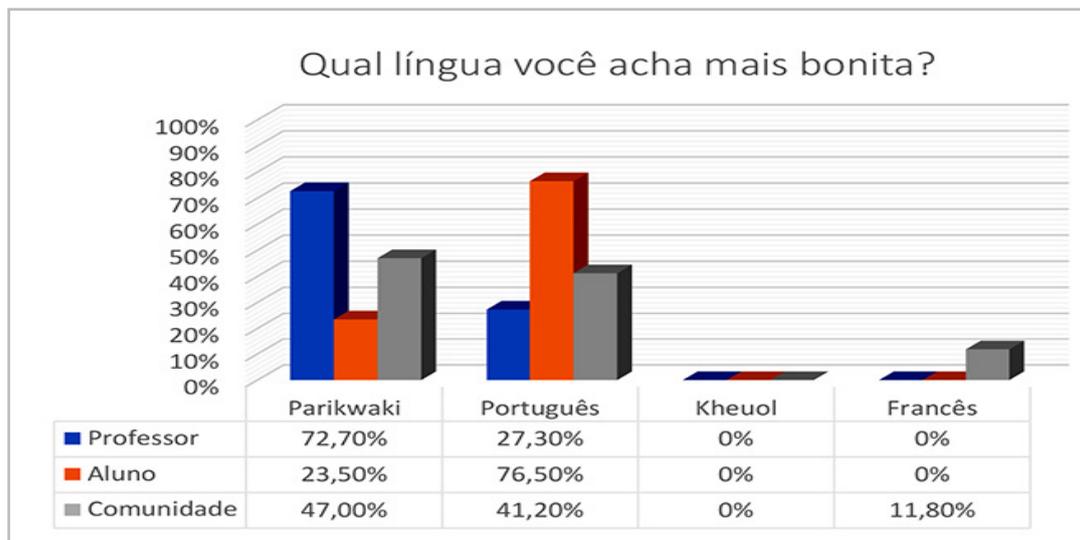
3. Análise dos dados e discussão

Nesta sessão iremos apresentar e discutir os dados obtidos para cada uma das categorias participantes da pesquisa, os quais serão apresentados seguindo os eixos estruturantes dos questionários aplicados.

3.1. Eixo 1: Atitudes dos sujeitos diante das línguas

O objetivo principal do Eixo 1 é identificar se há compreensão, valorização ou desvalorização de alguma das línguas sob análise. Na primeira pergunta, que se refere à língua mais bonita, há diferenças significativas nas preferências entre as categorias, conforme demonstram os dados do gráfico 1.

Gráfico 1: Identificação da língua mais bonita, por categoria



Fonte: Elaboração das autoras

Ao analisar as respostas da categoria Professor, observamos que 72,70% escolheram o parikwaki como a língua mais bonita, enquanto 27,30% optaram pelo português. Embora a preferência pelo parikwaki seja predominante, é importante ressaltar que isso não significa, necessariamente, que a língua esteja em um estado de fortalecimento. Na realidade, a crescente predominância do português entre os Palikur-Arukwayene reflete uma tendência observada em diversas comunidades indígenas do Brasil, onde o contato constante com a língua oficial do país influencia significativamente as práticas linguísticas cotidianas. Esse fenômeno representa um desafio considerável para a preservação do parikwaki.

Observando a categoria Aluno de nossa pesquisa, notamos que, entre os 17 participantes, 76,50% consideram o português como a língua mais bonita, enquanto apenas 23,50% escolheram

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

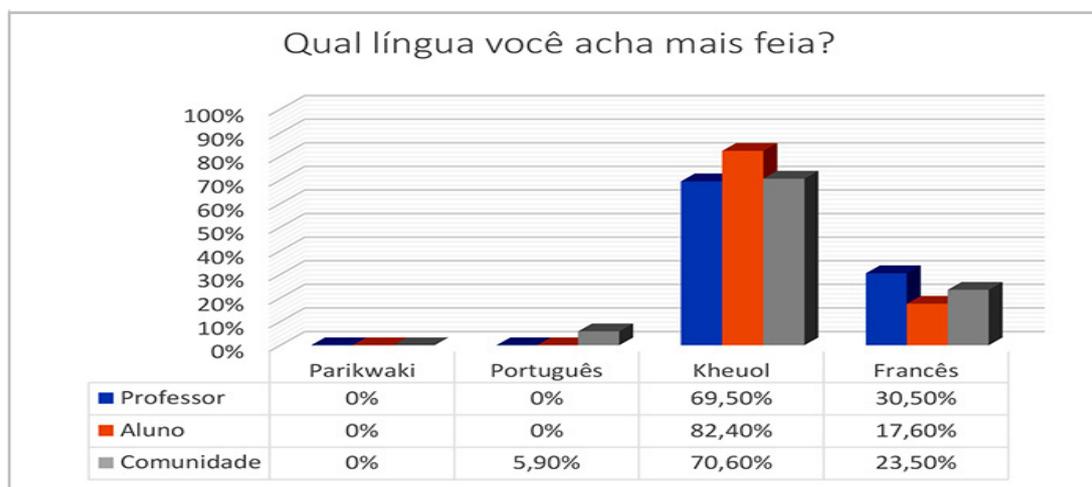
o parikwaki. Esses dados indicam que o português é a língua mais prestigiada entre os discentes, o que corrobora a tendência de valorização da língua dominante em detrimento da língua étnica. Os jovens desempenham um papel indiscutível na preservação da língua parikwaki, pois são os futuros transmissores dessa língua. A sua preferência pelo português é um indicador de que as políticas e iniciativas voltadas para a revitalização linguística precisam ser intensificadas, com foco especial nas novas gerações, para garantir a continuidade do parikwaki.

Na categoria Comunidade, 47,00% dos participantes apontaram o parikwaki como a língua mais bonita, enquanto 41,20% escolheram o português e 11,80% o francês. Note que a diferença percentual entre o parikwaki e o português é mínima e que apenas nessa categoria o francês foi escolhido como língua mais bonita, enquanto o kheuol não foi indicado por nenhuma das dos participantes da pesquisa como a língua mais bonita. Os resultados da escolha do português e francês como a língua mais bonita chegam a 53,00%, ultrapassando os resultados obtidos pelo parikwaki (47,00%) como língua mais bonita.

Oliveira e Rikbaktsa (2017, p. 51) destacam que escolher a expressão “mais bonita” é uma atitude que reflete o senso de pertencimento étnico. Os dados do Gráfico 1 demonstram uma atitude positiva dos professores arukwayene, que consideram a língua parikwaki mais bonita que o português, mesmo diante da predominância deste último. Por outro lado, a escolha do português pelos alunos como língua mais bonita pode ser compreendida como uma manifestação de atitudes voltadas para garantir oportunidades de inclusão social. Os alunos acreditam que, ao adquirirem proficiência na “língua do outro”, conseguem reduzir as pressões sociais decorrentes dos conflitos linguísticos existentes na sociedade. Vale destacar que as gerações mais jovens têm uma experiência diferente da geração mais velha, pois antigamente o contato com o português não era tão intenso, e a relação com não indígenas era mais limitada.

O gráfico 2 apresenta os resultados para a pergunta “Qual língua você acha mais feia?”, com os valores percentuais para as três categorias participantes.

Gráfico 2: Identificação da língua mais feia, por categoria



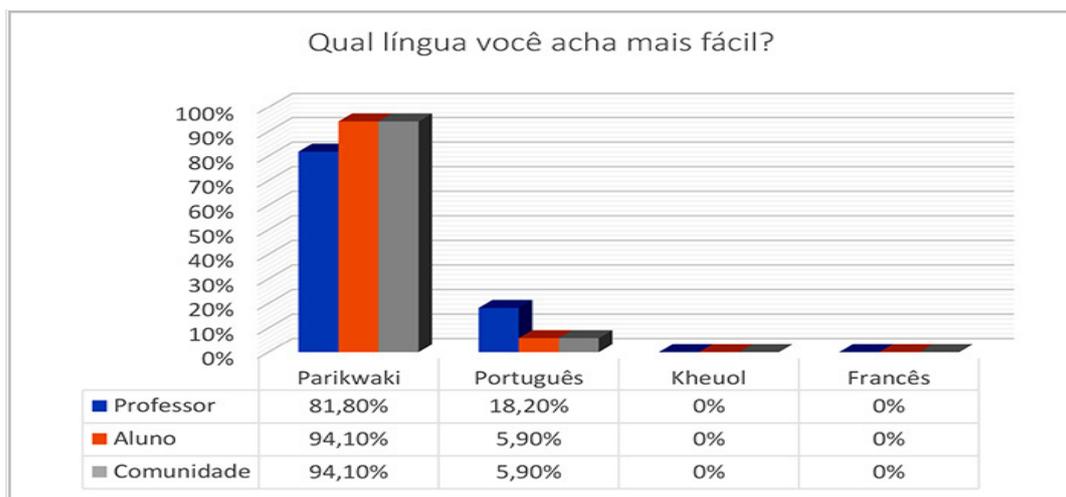
Fonte: Elaboração das autoras

No gráfico 2 observa-se que nenhum dos participantes escolheu o parikwaki como a língua mais feia, uma atitude positiva em relação à língua nativa. Entre os professores, 69,50% apontaram o kheuol e 30,50% o francês como a língua mais feia, enquanto o português não recebeu nenhuma indicação dessa categoria. Os alunos também demonstraram uma forte resistência ao kheuol, com 82,40% escolhendo-o como a língua mais feia, seguido pelo francês, indicado por 17,60% dos alunos como a língua mais feia. Novamente, o português não obteve indicações.

A análise dos dados da categoria Comunidade também evidencia a desvalorização do kheuol, já que 70,60% dos participantes o indicaram como a língua mais feia. Em segundo lugar, o francês foi escolhido por 23,50% da comunidade, seguido pelo português, com 5,90%. Esses resultados reforçam o desprestígio da língua kheuol entre os Palikur-Arukwayene. É interessante destacar que o kheuol já foi a segunda língua dos Arukwayene, o que comprova que houve mudanças ao longo do tempo no uso e importância dessa língua dentro da comunidade.

Indagamos aos entrevistados sobre qual a língua que eles acham mais fácil. Diante das respostas adquiridas, foi possível elaborar o gráfico 3:

Gráfico 3: Identificação da língua mais fácil, por categoria



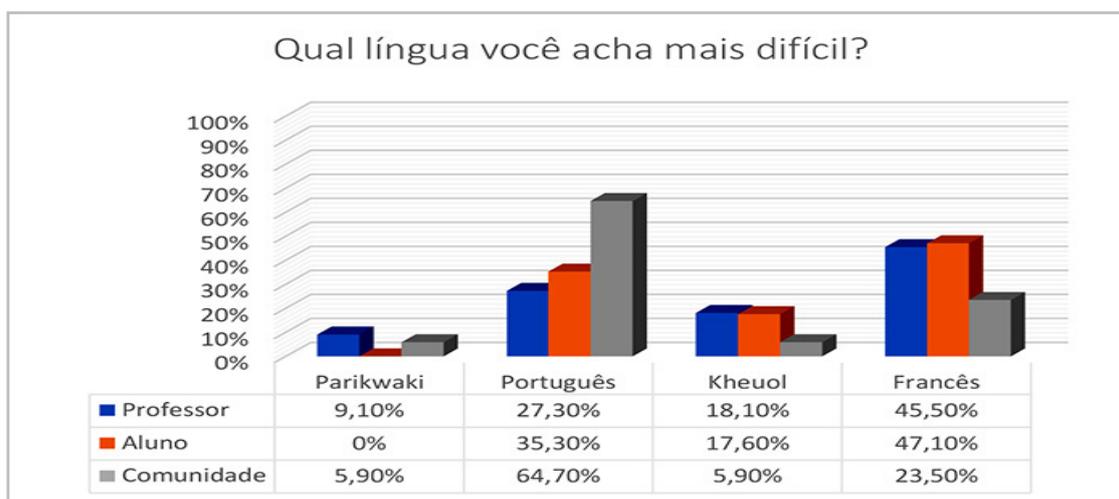
Fonte: Elaboração das autoras

Para todas as categorias do gráfico 3, a língua mais facilmente percebida foi parikwaki, com 81,80% dos professores, 94,10% dos alunos e 94,10% dos membros da comunidade optando pela língua de identidade étnica. Em contraste, o português recebeu uma porcentagem menor de respostas, com 18,20% dos professores, 5,90% dos alunos e 5,90% dos membros da comunidade o indicando como a língua mais fácil. Não houve escolhas para o kheuol ou o francês em nenhum dos grupos, o que pode indicar que essas línguas não são amplamente faladas ou utilizadas na Aldeia Kumenê. Esse resultado aponta para a vitalidade do parikwaki, já que a língua mais fácil de ser percebida é tipicamente a L1 (primeira língua) dos falantes. Isso sugere que, apesar das influências externas, o parikwaki ainda mantém uma posição forte e significativa dentro da comunidade, especialmente em termos de uso cotidiano e identidade étnica.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

Perguntamos aos entrevistados sobre qual seria a língua que eles acham mais difícil. As respostas foram sistematizadas no gráfico 4:

Gráfico 4: Identificação da língua mais difícil, por categoria



Fonte: Elaboração das autoras

Ao analisar os dados do gráfico 4 podemos perceber algumas tendências interessantes em relação à percepção de dificuldade das línguas pelos diferentes grupos. A língua parikwaki foi mencionada como a mais difícil por uma pequena porcentagem dos professores (9,10%) e da comunidade (5,90%), mas não foi citada pelos alunos. Por outro lado, o português é apontado como a língua mais difícil pela maioria da comunidade (64,70%). Alunos e professores também o percebem como uma língua difícil, embora com uma porcentagem menor, de 35,30% e 27,30, respectivamente. O kheuol recebeu uma intensidade moderada de indicações como a língua mais difícil, tanto dos professores (18,10%) quanto dos alunos (17,60%), tendo tido um percentual menor entre os membros da comunidade (5,90%). O francês foi mencionado como a língua mais difícil por uma parcela significativa dos participantes, incluindo professores (45,50%), alunos (47,10%) e membros da comunidade (23,50%).

A partir dessas análises, podemos inferir que as atitudes linguísticas em relação à dificuldade das línguas são moldadas por fatores sociais, culturais e educacionais. A percepção de que a língua materna, o parikwaki, é a mais fácil e que línguas como o português e o francês são mais difíceis, pode ser entendida através do conceito de competência comunicativa, que se refere à capacidade dos falantes de usar a língua de maneira eficiente e apropriada em contextos diversos.

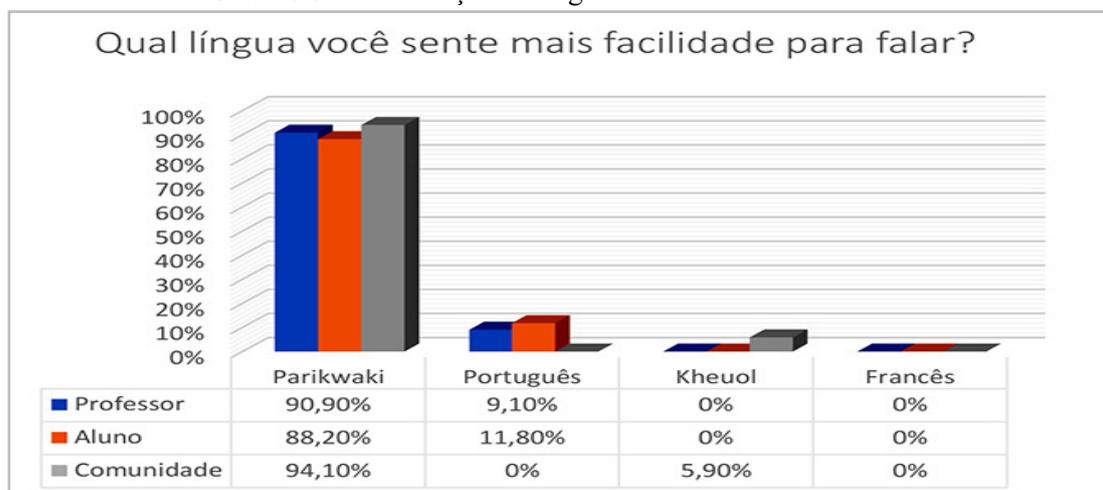
A análise das dificuldades percebidas em relação ao português, francês e parikwaki entre os Palikur-Arukwayene revela dinâmicas complexas de prestígio e valorização linguística. O português e o francês são percebidos como mais complexos devido ao seu alto status como línguas prestigiosas na sociedade brasileira, vinculados a oportunidades educacionais, econômicas e sociais. Essa percepção se alinha à teoria da diglossia, que descreve como línguas de prestígio são usadas em contextos formais, enquanto línguas comunitárias como o parikwaki são predominantes em interações familiares e informais.

Por outro lado, a dificuldade percebida com o parikwaki pode ser explicada por processos de glotofagia e estigmatização linguística. A glotofagia refere-se à absorção cultural de línguas dominantes em detrimento das línguas minoritárias, contribuindo para a percepção de que o parikwaki é menos útil ou prestigioso em contextos fora da comunidade. Isso reflete uma hierarquia linguística onde línguas minoritárias são marginalizadas em favor de línguas dominantes, impactando sua vitalidade e transmissão intergeracional. A compreensão dessas dinâmicas sociolinguísticas é essencial para promover políticas linguísticas que valorizem e preservem línguas minoritárias como o parikwaki dentro de suas comunidades de origem.

3.2. Eixo 2: Valor atribuído às modalidades oral e escrita das línguas

Neste eixo vamos analisar o valor atribuído às modalidades oral e escrita das línguas sob estudo, explorando a importância da fala e da escrita nestas línguas e suas relações com as crenças e atitudes linguísticas dos Palikur-Arukwayene. Na primeira pergunta deste eixo, que questiona qual língua os participantes sentem mais facilidade para falar, a grande maioria dos professores (90,90%), alunos (88,20%) e membros da comunidade (94,10%) apontaram o parikwaki como a língua com maior facilidade de expressão oral. O português apresenta uma porcentagem menor nesse aspecto, sendo indicado por 9,10% dos professores, 11,80% dos alunos e nenhum membro da comunidade. O kheuol e o francês não foram mencionados como línguas de facilidade oral por nenhum dos grupos. Esses resultados corroboram as análises anteriores, que indicam que o parikwaki é a língua mais facilmente percebida e utilizada dentro da comunidade. A ausência de menções ao kheuol e ao francês reforça a ideia de que essas línguas não são amplamente faladas ou consideradas acessíveis na Aldeia Kumenê. A percepção de que o francês é uma língua difícil pode estar associada ao seu *status* de língua estrangeira de prestígio, aprendida principalmente através de ensino formal, e não de uso cotidiano. O kheuol, como uma língua de contato menos relevante na comunidade, também não é percebido como uma língua fácil, o que sugere uma limitada exposição ou necessidade prática de uso entre os Palikur-Arukwayene.

Gráfico 5: Identificação da língua de maior fluência oral



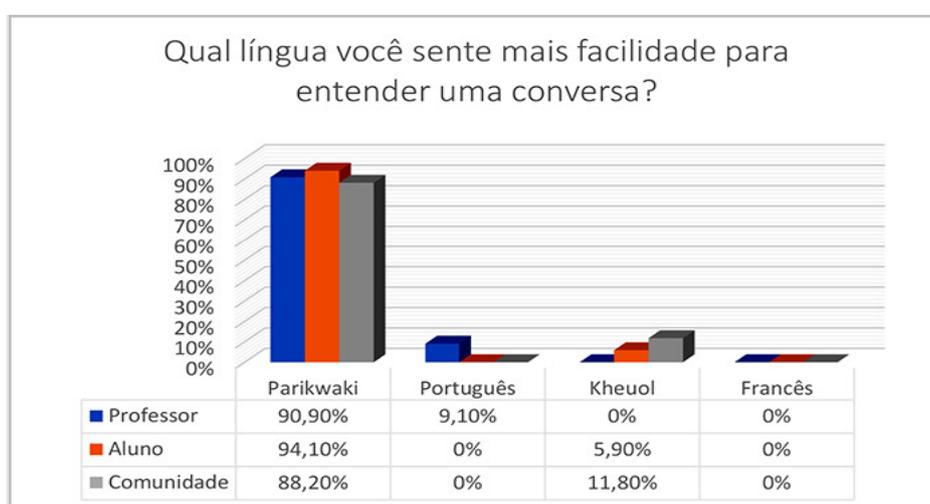
Fonte: Elaboração das autoras

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

A predominância dos participantes da pesquisa que escolheram o parikwaki como a língua em que têm mais facilidade de falar (professor 90,90%, aluno 88,20% e comunidade 94,10%) reflete um cenário no qual a comunidade Palikur-Arukwayene ainda mantém um domínio sólido sobre a oralidade dessa língua.

Na segunda pergunta do Eixo 2, que trata da facilidade de compreensão de uma conversa, o parikwaki também é destacado como a língua mais acessível, sendo escolhido por 90,90% dos professores, 94,10% dos alunos e 88,20% da comunidade. O português tem uma porcentagem muito baixa nesse quesito, tendo sido mencionado apenas por 9,10% dos professores e nenhum dos alunos e membros da comunidade. O kheuol apresenta uma leve presença, com 5,90% dos alunos e 11,80% da comunidade afirmando ter mais facilidade em entender uma conversa nessa língua.

Gráfico 6: Identificação da língua de maior compreensão oral



Fonte: Elaboração das autoras

Os dados do gráfico 6 permitem analisar a importância da língua parikwaki na comunicação e compreensão entre os Palikur-Arukwayene em contraste com o português. O parikwaki é identificado como a língua dominante e amplamente compreendida dentro da comunidade, enquanto o português é mencionado como falado e compreendido por uma parcela menor do povo. Essa valorização do parikwaki como língua principal de fala e compreensão indica sua centralidade nas práticas comunicativas cotidianas dos Palikur-Arukwayene.

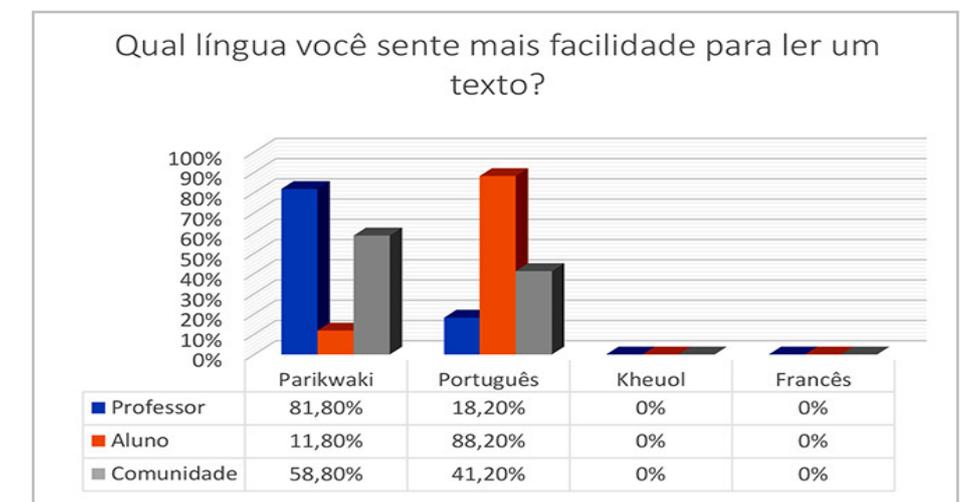
Não por acaso, o grupo que demonstra maior facilidade com o português é o grupo de professores. Esse fenômeno pode ser compreendido através da teoria da acomodação linguística, onde os indivíduos ajustam seu uso linguístico para se adequar a diferentes contextos sociais e profissionais. Os professores, atuando como mediadores entre a comunidade e o mundo exterior, exibem uma maior proficiência em português devido à necessidade de engajar-se em redes sociais e institucionais fora da aldeia. Esse papel dos professores como mediadores culturais e linguísticos é

determinante na política interna da comunidade palikur, pois os professores são agentes de mediação política e cultural, facilitando a comunicação e a negociação dentro e fora da comunidade palikur. Interessa-nos destacar que, nos últimos 15 anos, os caciques da principal aldeia palikur, Kumenê, foram e são professores.

Ainda em relação aos resultados do gráfico 6, prevenimos que o prestígio da língua parikwaki não se aplica uniformemente a todos os espaços de fala da comunidade e, ressaltamos, a relação entre o parikwaki e o português pode ser mais complexa do que aparenta. Os dados do gráfico 6 nos instigam a investigar mais a fundo as dinâmicas sociolinguísticas presentes na comunidade Palikur-Arukwayene, considerando questões como a vitalidade e uso das línguas em diferentes contextos, o aprendizado e uso do português e os fatores sociais e culturais que afetam as escolhas linguísticas.

Agora, observe os dados do gráfico 7, que trata sobre a facilidade de leitura das línguas parikwaki, português, kheuol e francês. Inicialmente, os dados indicam que o parikwaki continua sendo percebido como a língua com maior facilidade de leitura, porém, há uma mudança significativa nos resultados em comparação com a fala e a compreensão oral. Enquanto nas perguntas anteriores, a maioria dos participantes atribuiu alta facilidade ao parikwaki (90,90% dos professores, 94,10% dos alunos e 88,20% da comunidade), quando se trata da leitura nessa língua, esses valores diminuem (81,80% dos professores, 11,80% dos alunos e 58,80% da comunidade), conforme observado no gráfico abaixo.

Gráfico 7: Identificação da língua de maior facilidade para a leitura



Fonte: Elaboração das autoras

Uma hipótese para explicar essa discrepância entre a facilidade na fala e compreensão oral do parikwaki e a menor facilidade percebida na leitura desta língua é a influência do contato linguístico e do ambiente de aprendizagem. Na escola palikur, o português detém um alto prestígio como língua de instrução formal. A escola adota um modelo de bilinguismo de tradução, onde o parikwaki é frequentemente utilizado apenas como meio de tradução dos conteúdos escolares elaborados em

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

língua portuguesa. Esse tipo de bilinguismo impacta a dinâmica de uso e prestígio do parikwaki dentro do ambiente educacional, onde a língua materna é apenas um instrumento para facilitar o acesso ao conhecimento formalizado em português. O relato do professor Euvecio Labontê dos Santos é um exemplo dessa dinâmica:

No meu trabalho na escola, eu me concentro em ensinar principalmente português e matemática, pois o ensino de português permite que os alunos aprendam a ler vogais, o alfabeto, escrever palavras e trabalhar com números na matemática.

Embora também aborde outras disciplinas, como ciências, história e geografia, na comunicação diária eu utilizo predominantemente a nossa língua parikwaki em vez do português. Isso ocorre porque na escola indígena, a língua materna é mais valorizada na comunicação em comparação com o português. Dessa forma, ensinamos o português, mas nos comunicamos principalmente na língua materna parikwaki. Além disso, o ensino de português é ministrado com a tradução na língua materna para melhor compreensão. Vale ressaltar que a escrita em parikwaki nas séries iniciais ainda não é amplamente utilizada devido à falta de conteúdo apropriado para a alfabetização (Santos, 2023, p. 32).

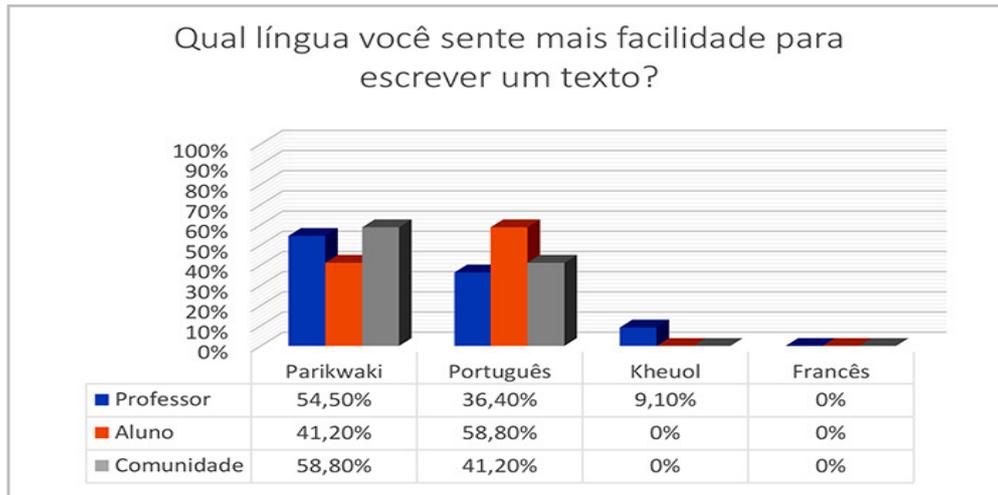
Essa prática reflete uma forma de diglossia educacional, onde o parikwaki é relegado a um papel secundário na transmissão de conhecimento formal, enquanto o português é privilegiado como a língua de ensino e aprendizagem. Isso contribui para a percepção das novas gerações em relação ao valor e à utilidade do parikwaki em contextos além da esfera familiar e comunitária, potencialmente afetando sua vitalidade e continuidade como língua de uso cotidiano e identidade cultural entre os Palikur-Arukwayene.

O destaque dado ao português como língua de leitura, especialmente entre os alunos (88,20%) pode ser relacionado diretamente à sua presença na educação formal e em materiais escritos nessa língua, que é a mais enfatizada no contexto escolar do povo.

A maior dificuldade no ensino da língua parikwaki é a falta de conteúdo próprio na língua materna, semelhante ao que ocorre no ensino da língua portuguesa, onde há uma estrutura curricular e material didático disponível para acompanhar o currículo. Sem um conteúdo próprio em parikwaki, fica desafiador para os educadores ensinarem aos alunos nesta língua (Santos, 2023, pág. 29).

O kheuol e o francês não foram apontados como línguas de fácil leitura por nenhum dos grupos. A análise desses dados sugere que a competência e a facilidade de leitura podem variar de acordo com os contextos de uso e os domínios de cada língua, como a esfera cotidiana e a educação formal, o que aponta para a relação de diglossia.

Na última pergunta do Eixo 2, que investiga a facilidade de escrever um texto, os resultados apresentam uma variação em relação às perguntas anteriores. O parikwaki ainda é mencionado, mas com uma porcentagem menor em comparação com a fala e a compreensão oral. Observe o gráfico 8:

Gráfico 8: Identificação da língua de maior facilidade para a escrita

Fonte: Elaboração das autoras

No gráfico acima, note que os professores indicam o parikwaki em 54,50% das respostas sobre a língua de maior facilidade para a escrita, os alunos em 41,20% e a comunidade em 58,80%. Por outro lado, o português ganha mais destaque nesse aspecto, com 36,40% dos professores, 58,80% dos alunos e 41,20% da comunidade afirmando ter mais facilidade de escrever nessa língua. Esse aumento na preferência pelo português para a escrita está relacionado ao maior contato com essa língua em ambientes educacionais, considerando, inclusive, que os Palikur-Arukwayene não alfabetizam as crianças em parikwaki, sendo o português introduzido desde cedo no ambiente escolar, como explica o professor palikur Euvécio Labontê:

Nós, professores indígenas, trabalhamos utilizando duas línguas simultaneamente, tanto o português quanto o parikwaki. Isso ocorre porque nós, como educadores indígenas, somos falantes de nossa língua materna e a utilizamos para traduzir o português para o parikwaki. As crianças das séries iniciais muitas vezes não compreendem o português, então usamos ambas as línguas para comunicar na fase de alfabetização. Embora o ensino seja, principalmente, em português, a comunicação é realizada predominantemente em nossa língua materna para esclarecer as dúvidas dos alunos em relação ao português. Este é o método que empregamos como professores indígenas em nossa aldeia (Santos, 2023, p. 31).

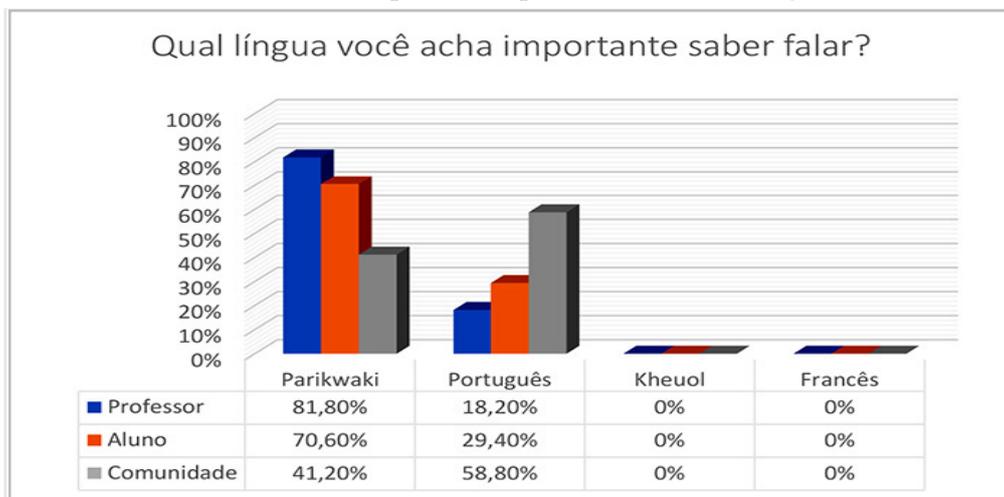
O kheuol é mencionado por 9,10% dos professores como língua de maior facilidade de escrita, mas nenhum dos alunos ou membros da comunidade o aponta nessa questão. O francês não é mencionado como língua de escrita fácil em nenhum dos grupos.

3.3. Eixo 3: Transmissão e usos da língua

O Eixo 3 tem como objetivo identificar a forma como as línguas são transmitidas e utilizadas pelos sujeitos da comunidade Palikur-Arukwayene. Dentre os professores, 81,80% consideram importante saber falar parikwaki, esse índice é de 70,60% entre os alunos. Por outro lado, entre os membros da comunidade, o índice de importância atribuída à habilidade de falar parikwaki caiu para 41,20%.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

Gráfico 9: Percepção da importância de falar a língua

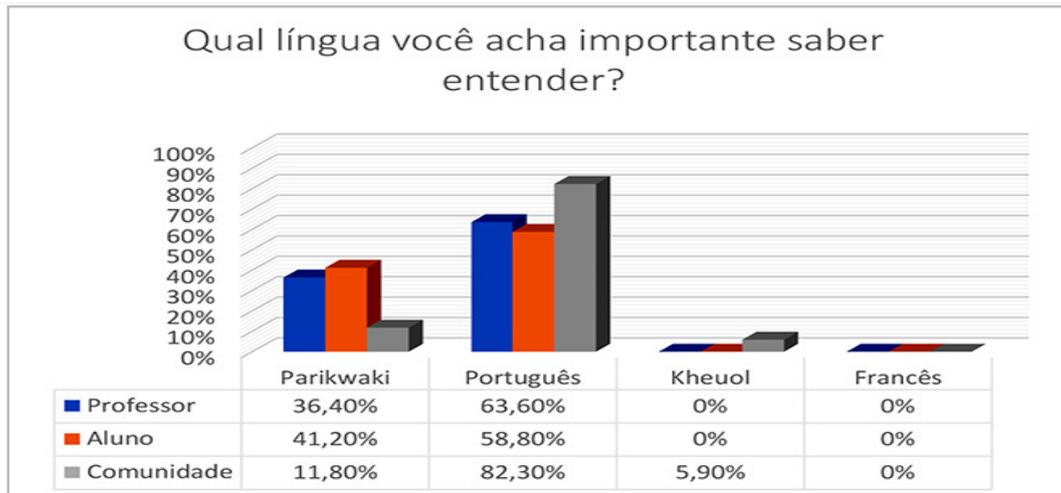


Fonte: Elaboração das autoras

A análise dos dados do gráfico 9 revela uma tendência de atitude mais positiva por parte dos professores e alunos em relação à língua parikwaki, contrastando com uma atitude mais negativa por parte dos membros da comunidade palikur-arukwayene.

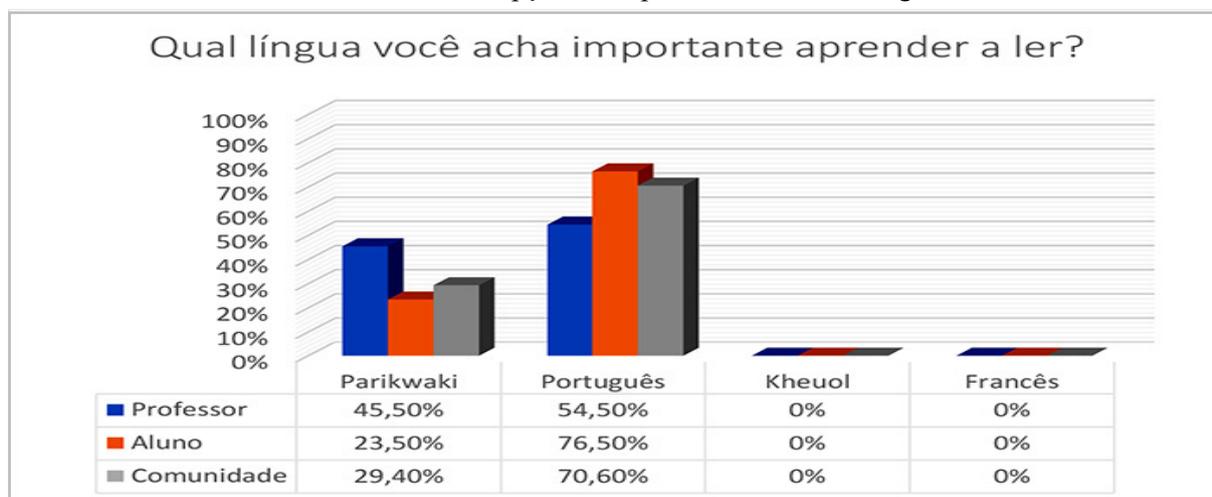
Importante destacar que, para a comunidade arukwayene, aprender e dominar o português é visto como uma possibilidade de inserção em uma rede mais ampla de comunicação e de acesso a recursos e oportunidades. Essas atitudes linguísticas estão em consonância com os estudos sociolinguísticos sobre o prestígio linguístico e o papel das línguas em contextos multilíngues.

Quando avaliamos a importância de entender uma língua, o português ganha destaque, sendo considerado importante por uma porcentagem significativa dos participantes. Os professores apontam o português como importante para a compreensão em 63,60% das respostas, os alunos em 58,80% e a comunidade em 82,40%. O parikwaki também é valorizado, mas em menor proporção, com 36,40% dos professores, 41,20% dos alunos e 11,80% da comunidade afirmando sua importância para a compreensão. O kheuol é mencionado como importante para a compreensão por uma pequena porcentagem da comunidade (5,90%).

Gráfico 10: Percepção da importância de entender a língua

Fonte: Elaboração das autoras

Em relação a importância do aprendizado da leitura, cujos resultados são apresentados no gráfico 11, 40,50% dos professores responderam parikwaki, 29,40% dos membros da comunidade também responderam parikwaki, e somente 23,50% dos alunos acharam importante saber ler em parikwaki. Enquanto o português é preferência entre 54,50% dos professores, 70,60% dos membros da comunidade e 76,50% dos alunos.

Gráfico 11: Percepção da importância de ler na língua

Fonte: Elaboração das autoras

Vimos, anteriormente, que o prestígio linguístico está associado à valorização e *status* atribuídos a uma determinada língua em uma comunidade. No caso da leitura, os dados do gráfico 11 indicam que a língua portuguesa possui maior prestígio em comparação ao parikwaki. Isso pode ser observado pelo fato de que uma proporção significativamente maior de professores, membros da

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

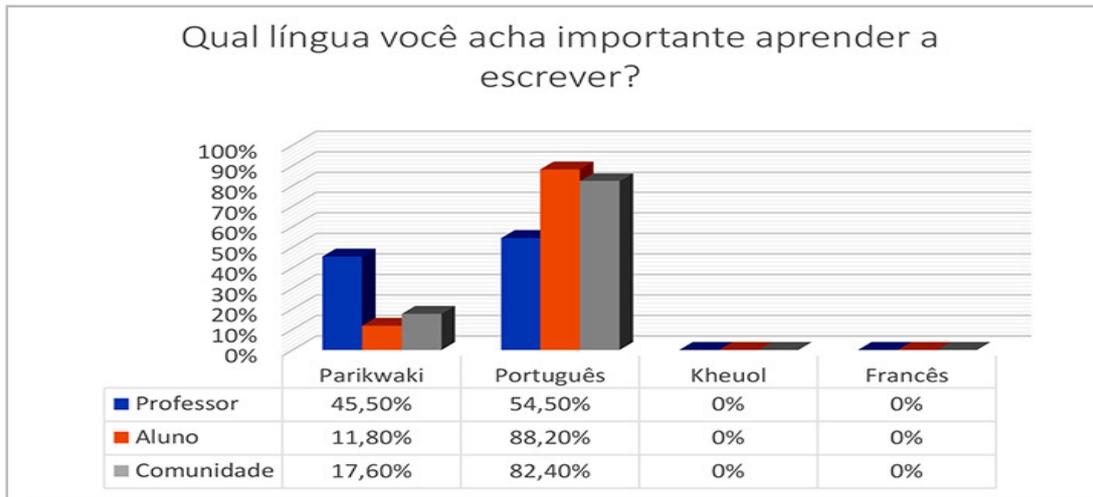
comunidade e alunos consideram importante aprender a ler em português (54,50%, 70,60% e 76,50%, respectivamente) em comparação com o parikwaki (40,50%, 29,40% e 23,50%, respectivamente).

A disparidade observada nos dados do Gráfico 11 revela um desafio complexo no contexto das políticas educacionais e linguísticas da escola palikur. A preferência entre (P), (A) e (C) pelo português como língua mais importante para a leitura reflete não apenas uma questão de acesso à escolarização formal, mas também de como as línguas são percebidas em relação às oportunidades educacionais e sociais externas à comunidade indígena. Esse cenário sugere uma tensão entre a necessidade de fortalecer a identidade cultural e linguística palikur através da língua materna e a demanda por competência no português.

A promoção do multilinguismo funcional se apresenta como uma solução potencial, onde as línguas indígenas não são apenas preservadas, mas também desenvolvidas para serem utilizadas de forma eficaz em diferentes contextos sociais, incluindo o educacional e o profissional. Isso implica um investimento na capacitação tanto em parikwaki quanto em português, com ênfase na alfabetização e fluência em ambas as línguas desde as séries iniciais. Segundo o professor Euvecio dos Santos Labontê, os Palikur-Arukwayene parecem ter interesse em trilhar esse caminho.

Nós, Palikur-Arukwayene, não temos estudos sobre nossa língua da mesma forma que estudamos a língua portuguesa, por isso precisamos nos tornar professores em nossa língua materna. Nossos avôs não tiveram acesso à educação que temos hoje. Reconhecemos a necessidade de valorizar nossa língua, ensiná-la na escola desde a educação infantil e alfabetizar nossas crianças em nossa língua materna. É isso que almejamos! Precisamos reunir todos os professores para discutir questões essenciais relacionadas ao ensino para nossas crianças nas séries iniciais, assim como é feito no ensino da língua portuguesa. Essa iniciativa é fundamental para garantir que nossos filhos aprendam sobre sua língua materna, evitando problemas como os alunos palikur-arukwayene enfrentam atualmente, que não conseguem escrever em sua própria língua (Santos, 2023, p. 54)

Quando abordamos a importância de aprender a escrever uma língua, o português se destaca, novamente, como a língua mais valorizada, como pode ser observado no Gráfico 12, em que a maioria dos professores (54,50%), alunos (88,20%) e membros da comunidade (82,40%) considera o português importante para a escrita. O parikwaki também é mencionado como importante para a escrita por 45,50% dos professores, 11,80% dos alunos e 17,60% da comunidade. O kheuol e o francês não são apontados como línguas importantes para a escrita por nenhum dos grupos, pois não são línguas do espaço escolar.

Gráfico 12: Percepção da importância de escrever na língua

Fonte: Elaboração das autoras

Ao observarmos a importância atribuída pelos Palikur-Arukwayene ao aprendizado da escrita em diferentes línguas, o gráfico 12 destaca que o português é claramente a língua mais valorizada pelo povo. Essa valorização é evidenciada nos resultados, onde a maioria dos professores (54,50%), alunos (88,20%) e membros da comunidade (82,40%) consideram o português importante para a escrita, o que sugere que o português é percebido como uma língua essencial para a comunicação escrita e a educação formal, refletindo sua posição dominante na sociedade, como consequência de séculos de colonização dos povos originários. Ainda que uma parte dos participantes considere o parikwaki relevante para a escrita (45,50% dos professores, 11,80% dos alunos e 17,60% da comunidade), esses números são inferiores em relação ao português. Esse contraste no prestígio da escrita entre as duas línguas pode ter impacto direto na manutenção e transmissão do parikwaki.

É relevante observar que as línguas kheuol e francês não são mencionadas como importantes para a escrita em nenhum dos grupos. Essa ausência de respostas indica que essas línguas não têm função prática na comunicação escrita e estão fora do sistema educacional dos Palikur-Arukwayene.

Considerações finais

Os dados discutidos até aqui nos permitem afirmar que os Palikur-Arukwayene vivenciam uma relação de diglossia alimentada por políticas linguísticas que não valorizam o ensino na língua parikwaki. Se a língua nativa permanece enquanto língua de identidade étnica, o português avança como língua de instrução – mesmo na escola da aldeia – o que corrobora a hipótese da influência da escola na promoção de vulnerabilidade linguística do povo. A perda de espaços de fala na comunidade e a recente migração de famílias Arukwayene para as cidades, principalmente Oiapoque e Macapá, contribuem para definir o espaço reservado ao parikwaki como língua da oralidade, do convívio familiar e da aldeia.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

Em relação ao kheuol, observamos em nossa pesquisa, que a língua é desprestigiada entre as categorias de nossa pesquisa, o que deve ser observado com atenção. No estudo de Silva (2016), que considerou as 13 aldeias do povo Arukwayene, kheuol e português aparecem com 25,60% e 26,57%, respectivamente, como segunda língua falada entre o povo, percentuais muito próximos, mas que demonstra a tendência dos Arukwayene de adotarem o português como segunda língua do povo.

Quando os Arukwayene são monolíngues, a língua é o Parikwaki (23%); se falam duas línguas, a segunda será o Português (Parikwaki-Português 26%), que já prevalece como L2, posição antes ocupada pelo Kheuól. No entanto, o maior percentual é relativo aos falantes multilíngues em Parikwaki, Português e Kheuól (37%) (Silva, 2016, p.112).

Em nossos dados, é bastante evidente que a língua kheuol é desprestigiada entre os Arukwayene, quer como língua de instrução, quer como língua de comunicação. É o kheuol que recebe o maior percentual de atitudes negativas entre os pesquisados, o que não ocorre com o francês, pouco citado nos dados, mas com menor rejeição.

No que diz respeito ao kheuol é necessário combater o preconceito atribuído aos falantes dessa língua entre os Arukwayene, pois embora não seja a língua de identidade étnica do povo, historicamente, o kheuol ocupou a posição de língua franca entre os povos indígenas da região, o que justifica elevado percentual de falantes de kheuol identificados por Silva (2016) entre os Palikur-Arukwayene. É necessário discutir qual é o espaço, hoje, dessa língua, que também precisa ser protegida e valorizada, pois segue ameaçada, mesmo entre os Karipuna e Galibi-Marworno.

Os resultados de nossa pesquisa também são um alerta de que a atitude positiva que os Arukwayene demonstram em relação ao português tem contribuído para o desprestígio do parikwaki. Esse deslocamento linguístico entre os Palikur-Arukwayene, em que o parikwaki está perdendo espaço para o português, não pode ser dissociado das condições sócio-históricas que há séculos marginalizam e silenciam as línguas indígenas no Brasil. A vulnerabilidade linguística dos Palikur-Arukwayene, portanto, não é apenas um reflexo das preferências individuais ou comunitárias, mas também das políticas educacionais e sociais que têm sistematicamente desvalorizado e relegado as línguas indígenas a um papel secundário.

Diante desse cenário, torna-se imperativo implementar intervenções que não apenas promovam a valorização das línguas parikwaki e kheuol na comunidade, mas que também abordem de forma crítica as estruturas de poder que perpetuam a hierarquia linguística desfavorável. Estratégias educacionais e culturais devem ser direcionadas não apenas para mudar as atitudes individuais em relação às línguas indígenas, mas também para desafiar as normas sociais que perpetuam a marginalização linguística. Isso inclui o desenvolvimento de programas de educação bilíngue que fortaleçam a competência em parikwaki desde as primeiras etapas da escolarização, assim como o incentivo à produção de materiais educativos e literários que enriqueçam e preservem o patrimônio linguístico e cultural dos Palikur-Arukwayene.

A criação de materiais didáticos e recursos audiovisuais em parikwaki pode auxiliar no ensino. Paralelamente, o estabelecimento de parcerias com universidades, organizações não governamentais

e instituições de pesquisa para o desenvolvimento de materiais educativos, programas de capacitação e projetos de documentação linguística é crucial para embasar as ações de valorização das línguas. Essas parcerias podem contribuir para a criação de dicionários, gramáticas e recursos multimídia que perpetuem o conhecimento linguístico. Em síntese, a valorização das línguas parikwaki e kheuol requer um esforço coordenado e abrangente que envolve a educação, a comunidade e o conhecimento acadêmico.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: O Que É, Como Se Faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. *Dicionário Crítico de Sociolinguística*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BAKER, Colin. *Attitudes and Language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1992.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia: A Importância dos Estudos de Crenças e Atitudes para a Sociolinguística, *SIGNUM: Estud. Ling. Londrina*, n. 18/1, pp. 102-131, jun. 2015.
- MOLLICA, Maria Cecília; Maria L. Braga. 2003. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. ISBN 85-7244-222-7. 200p.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CRYSTAL, David. *English as a global language*. Cambridge university press, 2003.
- DAL CORNO, C. O. M. Estigma, cultura e atitude: consequências de atitudes linguísticas negativas em grupos linguísticos: da estigmatização à solidariedade. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Estigma: *Cultura e Atitudes Linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- FAGGION, C. M. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- FISHMAN, Joshua A. Bilingualism with and without diglossia: diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*. 1967. pp. 29-38.
- FISHMAN, Joshua A. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FROSI, V. M. Estigma, cultura e atitude: bilinguismo, identidade étnica e atitudes linguísticas. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma: cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- GARDNER, R. C. *Social Psychology and Second Language Learning: The Role of Attitudes and Motivation*. London: Edward Arnold, 1985.

Qual(is) língua(s) você fala? Investigando crenças e atitudes linguísticas entre os Palikur-Arukwayene

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. [1891]. 4. ed. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman.erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

JEANJACQUE, Evangelina Sônia dos Santos *et al.* The Revival of the Kali'na Telewuyu Language. *Cadernos de Linguística*, [S. l.], v. 4, n. 2, p. e697, 2023. DOI: 10.25189/2675-4916.2023. v. 4, n. 2, id697. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/697>. Acesso em: 16 jun. 2024.

LABOV, Willian. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LAMBERT, Wallace E. A Social Psychology of Bilingualism. *Journal of Social Issues*, v. 23, n. 2, pp. 91-109, 1967.

MYERS, David G. *Psicologia Social*. Mc Graw Hill Education, 10. ed. Porto Alegre: Artmed, AMGH Editora Ltda., 2014.

OLIVEIRA, Mileide Terres de; RIKBAKTATSA, Izaudrelia Samasaik. Atitudes linguísticas dos Rikbaktsa: discurso público sobre a língua. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 8, n. 23 SER. 3, pp. 46-64, 2017.

SANTOS, Euvecio Labonte dos. *Qual(is) língua(s) você fala? Crenças e atitudes linguísticas dos estudantes palikur-arukwayene na Escola Moisés Iaparrá, Aldeia Kumenê*. TCC – Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – Universidade Federal do Amapá. Oiapoque, p. 56. 2023.

SILVA, Elissandra Barros da. *A língua Parikwaki (Palikur, Arawak): Situação Sociolingüística, Fonética e Fonologia*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 198. 2016

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In. SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: A perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.